

A verdadeira letra do “Parabéns prá você”

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo examina e discute do ponto de vista filosófico o conceito de felicidade na versão em português da canção “Parabéns a você” e as mudanças essa poesia que recebeu em sua letra.

Palavras Chave: “Parabéns a você”. “*Happy Birthday to you*”. Bertha Celeste. Felicidade ou felicidades?

Abstract: This article examines and discusses – from a philosophical point of view – the concept of happiness in Brazilian lyrics “Parabéns a você” (“Happy Birthday to you”) and the changes in its words.

Keywords: “*Parabéns a você*”. “Happy Birthday to you”. Bertha Celeste. happiness or happinesses?

Como se sabe, a versão em português do “*Happy Birthday to you*” foi estabelecida em concurso promovido em 1942 pela Rádio Nacional (e não Tupi, como muitos erradamente afirmam, seguindo o Wikipedia...). Poucos anos depois, a versão se consolidou e hoje é cantada mais de meio milhão de vezes por dia no Brasil.

Menos conhecido é o fato de que a professora e poeta, depois doutora em Letras, Bertha Celeste (1902-1999), a autora da letra em português do “Parabéns a você” (e não “prá você”, reclamava a compositora!) em vão reiterou protestos ao longo de toda sua vida contra uma adulteração que o uso popular impôs a seu verso, cantando “muitas felicidades” em vez do original: “muita felicidade”.

Não se trata de filigrana de excesso de zelo de autor; na verdade, o problema do singular ou plural na “felicidade” é clássico e tem muita densidade filosófica e teológica. Como sabiamente adverte Bertha em entrevista para o “Jornal do Brasil” (RJ, 21-03-1999), publicada no dia em que ela completou 97 anos:

Não gostei de terem colocado “muita felicidade” no plural, como se canta agora. Afinal de contas, felicidade é uma só.

Começemos por uma distinção fundamental entre singular e plural que Santo Tomás de Aquino (1225-1274), “o último grande mestre de um cristianismo ainda não dividido” (Josef Pieper²), estabelece: a diferença entre “*secundum quid*” e “*simpliciter*”.

O *secundum quid* (aquilo que é sob determinado ponto de vista) refere-se ao plural, aos diversos aspectos de algo; já o *simpliciter* é o advérbio que se refere ao todo, ao que é puro e simplesmente; no caso da ética: ao que se é enquanto homem. Um tiro pode ser bom *secundum quid*, se atinge seu alvo, mas não será bom *simpliciter* se esse tiro for a causa do assassinato de alguém. Uma falcatrua pode ser boa do ponto de vista (*secundum quid*) financeiro de quem a aplica, mas certamente não é boa *simpliciter*.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. jeanlaua@usp.br.

². O filósofo alemão contemporâneo (1904-1997) é, a meu ver, o melhor intérprete contemporâneo de Santo Tomás.

Pois para Tomás, a moral diz respeito ao todo, refere-se simplesmente ao ser do homem. Assim, no Prólogo da parte II da Suma Teológica, dedicada à moral, ele diz: “Trataremos agora da moral, **isto é**, do ser do homem”. E a virtude aponta para o *ultimum potentiae*, a realização máxima, *simpliciter*, ou como muito bem traduz Pieper, *selbstverwirklichungsvorgang*: “processo de autorrealização”.

Assim, os antigos distinguem realização de realizações; felicidade de felicidades; esperança de esperanças. Pensemos nas felicidades e realizações *secundum quid*, plurais, jocosamente chamadas “dos S”: saúde, saldo, sucesso, sexo, status, “seleção” (no *secundum quid* do futebol) etc. É claro que alguém pode realizar atos pelos quais se dá bem do ponto de vista dos S, mas que são um desastre do ponto de vista de sua realização *simpliciter*, a realização radical, enquanto homem³.

Nossa época, tão sensível para as realizações, anda um tanto esquecida da realização. Pense-se por exemplo, na realização profissional. O profissional é, antes de tudo, um homem. Daí que a realização profissional deva subordinar-se à moral. Pieper, a propósito, lembra a atual tendência – cada vez mais acentuada em nossa sociedade organizada com base na divisão do trabalho – de pensarmos que uma ação, por trazer o rótulo de trabalho, estaria, por esse próprio fato, legitimada também moralmente. Essa atitude de esquecimento da ética pode levar a desastrosas consequências: “*From a technical point of view it was a sweet and lovely and beautiful job*”, “do ponto de vista técnico, um trabalho doce, belo e fascinante”, são palavras de Oppenheimer, referindo-se à sensação que experimentaram alguns físicos que trabalhavam na produção da bomba atômica...

Compreendemos, assim, aquela sentença de Sócrates: é muito pior cometer uma injustiça do que sofrê-la. “Minha afirmação, que precisamente já foi frequentemente pronunciada, mas sem prejuízo sempre ainda uma vez pode ser pronunciada, diz assim, meu Cálicles: receber de modo injusto uma pancada na face não é a maior vergonha, também não cair nas mãos de um assassino ou assaltante (...). Cometer tal injustiça contra mim é para o autor muito pior do que para mim, que sofri a injustiça”⁴. Se eu te firo o rosto com uma faca, o grande desfigurado sou eu...

Independentemente do que nossas ações possam realizar nos diversos âmbitos *secundum quid*, a moral, a realização do homem, está instalada no *simpliciter*, na realização do ser-homem, no “*to be or not to be*”. Como diz Tomás, contrastando os polos *secundum quid* e *simpliciter*:

“Quando porém se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular, mas à totalidade do ser do homem... ela diz respeito ao que se é enquanto homem” (I-II, 21, 2 ad 2)

Daí que seja muito diferente desejar felicidades ou felicidade. A felicidade é uma só, como insiste Bertha!

Recebido para publicação em 12-06-24; aceito em 24-07-24

³. Certamente dão-se também casos em que o *secundum quid* está em harmonia e colabora com o *simpliciter*.

⁴ Ibidem, 508 d 5-e 6.